

Vânia Bambirra e o capitalismo dependente na América Latina

Angélica Lovatto¹

Quero cumprimentar a todas as pessoas que aqui estão e saudar a organizadora deste evento, Annelise Erismann, do CEG - Centro de Estudos de Gênero, da Universidade de Lausanne, agradecendo não só o gentil convite que ela nos fez, mas também parabenizá-la pela iniciativa de estimular diálogos contemporâneos neste evento que se dispõe a discutir o feminismo que tem como referência teórico-metodológica o marxismo, e, em consonância a isso, o papel da mulher nas lutas de classes e na luta política contra a ordem capitalista.

A minha exposição tem como objetivo tratar da atualidade do pensamento e da obra da marxista brasileira Vânia Bambirra, e sua militância política, tematizando e contextualizando as lutas pela transição socialista, que a autora aponta como superação não só do capitalismo, mas também para além do próprio capital.

Bambirra (1940-2015), socióloga e cientista política, é uma das maiores intelectuais marxistas da América Latina. Sua obra tem especial relevância teórico-política, pois faz parte do conjunto de formulações que unificou e consagrou aquela que ficou conhecida como Teoria Marxista da Dependência (na sigla TMD), que analisa o processo do *desenvolvimento do subdesenvolvimento* capitalista latino-americano, para usar a expressão de um importante autor alemão, André Gunder Frank, que esteve na América Latina, pesquisando com Bambirra e outros autores, e inclusive morou num curto período no Brasil, ajudando a construir e instalar uma universidade na capital do Brasil, a UnB - Universidade de Brasília.

¹ Professora do Departamento de Ciências Políticas e Econômicas, e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UNESP – Universidade Estadual Paulista. Coordenadora do Grupo de Pesquisa CNPq “Pensamento Político e Latino-Americano – PEPO”. Diretora da ADUNESP – Associação dos Docentes da UNESP. Contato: angel.lovatto@gmail.com

Esta teoria começou a ser estruturada e desenvolvida no início dos anos 1960, inicialmente no Chile, por autores brasileiros exilados (entre eles, além de Bambirra, Ruy Mauro Marini e Theotônio dos Santos), em função da repressão desencadeada pelo golpe militar de 1964 no Brasil e que duraria longos 21 anos. Esse esforço dos exilados brasileiros e autores chilenos, entre outros, resultou na criação do CESO – Centro de Estudios Socio-Económicos de la Universidad de Chile, onde iniciaram-se estudos críticos em relação à dependência econômica e ao subdesenvolvimento dos países da América Latina, sendo denominados, mais tarde como teoria *marxista* da dependência, para diferenciar-se de autores que passavam a defender, na mesma época, uma dependência associada, ou seja, subordinada aos capitais imperialistas, naquele momento quente da chamada Guerra Fria, portanto, momento de intensa disputa econômico-política e ideológica no mundo. Os teóricos da TMD, ao contrário, denunciavam a dependência associada e mostravam que “a história do subdesenvolvimento latino-americano é a história do desenvolvimento do sistema capitalista mundial”,² nesta citação literal que faço de outro grande autor brasileiro, aqui já mencionado, Ruy Mauro Marini.

Os textos de Bambirra alcançaram notável repercussão não só no Chile, no exílio, mas em muitos países do continente. Com o golpe militar contra Salvador Allende em 1973, e a ascensão dos anos de chumbo de Pinochet, a autora teve que fugir novamente (passando pelo Panamá onde escapou por pouco de ser presa) e exilar-se no México, onde foi acolhida e trabalhou na UNAM – Universidad Nacional Autónoma de Mexico, até voltar ao Brasil somente no final dos anos 1980. Portanto “Vânia é conhecida na academia e nos movimentos políticos do mundo de fala hispânica”,³ mas teve também muitos de seus textos publicados na Itália, além de Espanha e Portugal.

Nesta exposição vou abordar, portanto, alguns aspectos centrais de três textos da autora. São eles: *O capitalismo dependente latino-americano*,⁴ livro com mais de 15 edições pelo mundo; e dois artigos: “La mujer chilena em la transición al socialismo”⁵ e “Liberación de la mujer y lucha de clases”,⁶ estes dois últimos publicados ainda no Chile, na Revista *Punto Final*, em 1971 e 1972,

² Cf. MARINI, Ruy Mauro. *Subdesenvolvimento e revolução*. 6ª. ed., Florianópolis: Insular, 2017.

³ PRADO, Fernando Correa. Apresentação. *O capitalismo dependente latino-americano*. 3ª.ed., Florianópolis: Insular, 2015, p. 12.

⁴ BAMBIRRA, Vânia. *O capitalismo dependente latino-americano*. 3ª.ed., Florianópolis: Insular, 2015.

⁵ BAMBIRRA, Vânia. “La mujer chilena em la transición al socialismo”. Revista *Punto Final*. Documentos. Suplemento de la edición n.133 – Martes – 22 de junio de 1971 – Santiago – Chile.

⁶ BAMBIRRA, Vânia. “Liberación de la mujer: una tarea de Hoy”. Revista *Punto Final*. Año VI – Martes 15 de febrero de 1972 – n.151.

respectivamente. Ao citá-los, vocês perceberão a imensa atualidade dessas formulações de Bambirra. Eles são o que chamo de textos clássicos, no sentido de manterem referências teóricas que não envelhecem e que são, ao mesmo tempo, o suporte ideopolítico para lutas que ainda não alcançaram a sua libertação efetiva, pois, se assim fosse, não estaríamos na situação de profunda miséria econômica e ideológica que o mundo contemporâneo pesa com mão de ferro na exploração e opressão contra a mulher.

Chamo a atenção, inicialmente, para a particularidade destes dois artigos que tratam da questão da mulher em tempos nos quais não havia ainda nenhum tipo de “modismo” intelectual de estudos feministas em voga. Tratar a questão da mulher numa sociedade capitalista dependente marcada pelas lutas de classes foi um pioneirismo importante para autoras brasileiras nos anos 1960-1970, onde também aproveitei a oportunidade para mencionar a socióloga marxista brasileira Heleieth Saffioti (1934-2010), que lançou no Brasil em 1976 (mas havia escrito entre 1966-67), uma tese pioneira e de suma importância naquele momento histórico, que se chama: *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*.

Essas duas autoras brasileiras, uma que estava no Brasil e outra no exílio no Chile e México (e, posteriormente, na volta ao Brasil), precisam e devem ser lidas por todos aqueles que pesquisam o tema, pois foram protagonistas da inserção substantiva de estudos sobre a particularidade da opressão contra a mulher na exploração capitalista, sem com isso perder a visão da totalidade do sistema que se baseia na centralidade do capital contra o trabalho.

Essa recusa de uma fragmentação da questão da mulher é exemplo mais do que atual para recuperar a eficiência política das lutas chamadas de feministas, sem o quê todo discurso de gênero pode cair (tende a desembocar) num vazio idealista que jamais alcança sua emancipação efetiva. Para a luta das mulheres trabalhadoras não importa apenas um discurso radical ideal, mas transformação efetiva de suas condições materiais de existência, ou seja, nunca num isolamento forçado, tomado “apenas” como causa, que não implica na ruptura contra a exploração como um todo no seio das classes em disputa no capitalismo.

É essa a defesa de Bambirra no texto “A mulher chilena na transição ao socialismo”, onde discute o papel da construção socialista como transição ao comunismo (e não do socialismo como um fim em si mesmo). Daí o caráter universalizante de sua análise, mas sem deixar de referir, nessa discussão, a particularidade da mulher trabalhadora na América Latina, e, claro, a partir da singularidade chilena, país onde ela vivia e participava intensamente da vida política e intelectual.

A autora dedica-se também, neste artigo, a tratar o movimento das “Mujeres Comunistas de Chile”, que nos seus esforços pela transformação social tinham acabado de realizar uma grande assembleia nacional com pautas que avançavam para o combate às posições da ultradireita. Esta, por sua vez, não cansava de colocar obstáculos ao governo popular de Salvador Allende. Analisando esta movimentação desencadeada a partir da assembleia de mulheres comunistas, Bambirra configura e denuncia a base objetiva da exploração de classe que afeta as chilenas, bem como quaisquer mulheres que viviam sob as dificuldades da superexploração da força de trabalho num continente de capitalismo dependente e subdesenvolvido, e seu conjunto de países.

Portanto, destaquei esses dois textos da autora onde trata da questão da mulher na sociedade de classes, para diferenciar que neste primeiro texto de 1971, ela está discutindo questões táticas num país, Chile, que não havia realizado uma ruptura revolucionária, mas que elegeu pelo voto direto um presidente socialista, num governo popular que poderia acumular forças para o incremento da uma revolução socialista. Por outro lado, no texto “Libertação da mulher: uma tarefa de hoje”, de 1972, Bambirra passa a discutir diretamente a situação da mulher em processos revolucionários, perspectivando isso. Afirma que, embora naquele momento – anos 1970, sob o governo popular socialista de Allende – existisse um consenso no tratamento do tema da mulher numa perspectiva de esquerda, eram ainda poucos os que se ocupavam, naquele contexto chileno, em dar maior divulgação e estimular a discussão da problemática da mulher, para uma superação radical da exploração de classe.

No primeiro texto ela demarca isso (depois aprofunda no segundo). Em suas palavras: no Chile “não está acontecendo uma verdadeira revolução social, mas um processo de mudanças partindo da legalidade burguesa. Portanto, a tendência a perdurar instituições e valores de cunho reacionário é muito forte e só pode ser contra-atacada na medida em que realmente estes passem a ser objeto de preocupação e centro de atuação dos setores mais revolucionários”.⁷ Pois, “sabemos que enquanto isso [uma profunda revolução na superestrutura] não ocorrer, verifica-se um grande paradoxo no processo de mudanças porque a transformação, em nível das relações de produção, são condicionadas e não se fazem acompanhar no mesmo ritmo de transformações igualmente relevantes das relações sociais gerais”, e que “sempre é inevitável que, em qualquer processo revolucionário, coexistam transformações profundas no nível econômico com características

⁷ BAMBIRRA, Vânia. “La mujer chilena em la transición al socialismo”. Revista *Punto Final*. Documentos. Suplemento de la edición n.133 – Martes – 22 de junio de 1971 – Santiago – Chile, p.7.

extremamente tradicionais e mesmo reacionárias nas formas mais preliminares de convivência social, como por exemplo a manutenção por um certo período da condição da mulher como objeto.”⁸

Essa dialética entre exploração e opressão, até hoje ainda mal resolvida teórica e politicamente no âmbito da discussão chamada de feminista (na maioria das vezes classificada equivocadamente como identitarismo), Bambirra soluciona, desde ali, diferenciando aspectos de caráter estratégico e de caráter tático, sem jamais perder de vista a particularidade da opressão da mulher.

No entanto, sem perder uma articulação dialética entre as duas, a autora estabelece uma espécie de hierarquia, no sentido de um grau qualitativo de importância e determinação da exploração sobre a opressão, pois a primeira (a exploração capitalista) abarca, inclui, abraça e subordina o processo de reprodução das opressões neste sistema: “Se se faz uma grande mobilização em torno da discussão dos problemas da mulher e sua organização para começar a resolvê-los, *inevitavelmente só a burguesia terá a perder com isso*”.⁹ E mais adiante: “Os revolucionários não podem se esquecer desta realidade: as mulheres trabalhadoras e operárias têm um duplo motivo para serem revolucionárias, pois além da exploração de classes estão submetidas a uma exploração enquanto mulheres”.¹⁰

Observe que ela reitera que é uma *exploração* de classes e uma *exploração* enquanto mulheres. Ela categoriza a exploração. E aproveita para neste momento do texto, citar Marx: “A teoria quando penetra nas massas se torna força material”, reforçando que “há que se divulgar a concepção marxista sobre a mulher. (...) Rechaçar o enfrentamento dos problemas das mulheres, é objetivamente uma atitude de defesa dos valores burgueses e contrarrevolucionários”.¹¹ Ela resolve essa relação entre exploração e opressão nesta dialética.

Chego aqui a um ponto alto do texto em sua defesa de uma luta dentro da totalidade da (e contra a) exploração capitalista: “A luta pela libertação da mulher não tem nada a ver com o feminismo. Não se trata de maneira alguma de uma luta do sexo feminino contra o masculino. Tal concepção é absurda e grotescamente caricatural”, pois, “neste sentido, *não se trata tão somente*

⁸ BAMBIRRA, Vânia. “La mujer chilena em la transición al socialismo”. Revista *Punto Final*. Documentos. Suplemento de la edición n.133 – Martes – 22 de junio de 1971 – Santiago – Chile, p.7.

⁹ BAMBIRRA, Vânia. “Liberacion de la mujer: una tarea de Hoy”. Revista *Punto Final*. Año VI – Martes 15 de febrero de 1972 – n.151, p.15.

¹⁰ Idem, p.15.

¹¹ Idem, p.15.

de uma luta de mulheres para sua libertação, mas de uma luta de todos os explorados para libertar também a mulher”, pois, “esta é a forma correta que deve assumir esta luta e, portanto, tem que ser travada por todos os revolucionários, homens e mulheres, mesmo se inicialmente caiba a elas impulsionar com maior dinamismo a discussão”.¹²

Por isso, eu defendo, recomendo e advogo que Vânia Bambirra tem que ser resgatada, urgentemente, neste início de século XXI. Reitero: com urgência. Por quê? Para sairmos do lugar comum das chamadas lutas feministas que raramente falam em revolução política, e têm dificuldade de indicar ruptura revolucionária, nem mesmo numa visão meramente prospectiva. Porque não basta a mudança, tem que haver transformação social.

Relacionar, portanto, o chamado feminismo à discussão da teoria marxista da dependência é vincular necessariamente essa luta “feminista” diretamente e de modo indissociável às lutas da mulher trabalhadora no continente latino-americano, portanto da mulher que pertence a uma dada classe social superexplorada, sob vigência do sistema capitalista de produção e, ademais, a uma dependência muito bem “organizada” no desenvolvimento desigual e combinado, que define os termos nos quais se dá a luta do trabalho contra o capital.

Não foi por outro motivo que ela escreveu seu maior clássico: *O capitalismo dependente latino-americano*, com o qual encaminho as considerações finais de minha exposição. Neste livro, sua preocupação foi entender a particularidade de todos e cada um dos países do continente, buscando caracterizar a forma tardia (e, portanto, dependente) como o capitalismo foi se instalando em seu desenvolvimento desigual e combinado, como já referi anteriormente. Para tanto, ela articula nossas origens coloniais em sua relação com a acumulação primitiva de capital na Europa, portanto, sem cair no equívoco comum de considerar que pelo continente latino-americano grassava algum tipo de feudalismo.

O trabalho de fôlego que ela desenvolve neste livro, naquele momento dos anos 1960, busca a gênese da formação social desse conjunto de países, “tomando como núcleo da análise a acumulação e reprodução dependentes”,¹³ segundo suas próprias palavras na *Nota Prévia* ao livro. Os aspectos críticos que ela articula, levantando dados empíricos de difícil captação à época, levaram à formulação do que ela mesma chamou de uma tipologia da dependência, relacionando

¹² Idem, p.15.

¹³ BAMBIRRA, Vânia. Nota prévia. *O capitalismo dependente latino-americano*. 3ª.ed., Florianópolis: Insular, 2015, p.29.

industrialização e estrutura socioeconômica. Não faltam desavisados nas ciências sociais no Brasil que, simplesmente por não terem lido Bamberger (quando muito terem ouvido falar, ou mesmo por pura incompreensão), imputam a esta autora marxista um suposto “desvio” weberiano, por referir-se e construir uma tipologia. Nada mais avesso ao pensamento da autora. Sua tipologia não está baseada num construto ideal típico weberiano, que reduz a apreensão da realidade igualando diferentes, mas baseia-se justamente na classificação de níveis diferenciados de desenvolvimento histórico-sociais e político-econômicos, buscando a análise concreta de situações concretas, por meio do método baseado nos textos marxianos.

Em apertada síntese, para não frustrar a expectativa dos que aqui nos ouvem, para Bamberger os países latino-americanos estariam distribuídos em três grandes grupos desta tipologia proposta: Tipo A – países com início antigo de industrialização (pré segunda guerra): Argentina, México, Brasil, Chile, Uruguai e Colômbia; Tipo B – países cuja industrialização foi produto da integração monopólica pós segunda guerra: Peru, Venezuela, Equador, Costa Rica, Guatemala, Bolívia, El Salvador, Panamá, Nicarágua, Honduras, República Dominicana e Cuba; e ainda um Tipo C – países com estrutura agrário-exportadora sem diversificação industrial: Paraguai e Haiti (onde a autora incluiria com alguma dúvida subjacente, também o Panamá, que já estava previsto no tipo B).

Sem condições para o aprofundamento desta caracterização, pelo escopo deste evento, importa apenas brevemente salientar que a adoção deste critério pela autora foi a tentativa de dar resposta a uma questão crucial, qual seja, a da formação dos diferentes tipos de estrutura dependente no continente. Para quê? Para a devida consequência prática da propositura de revoluções nacionais, articuladas em âmbito continental, que envolvessem a emancipação da classe trabalhadora e não apenas processos de libertação nacional. Aliás, muitos dos livros e artigos escritos por Bamberger tematizam as dimensões estratégicas nas classes envolvidas nos já havidos e nos futuros processos revolucionários no continente.

Vânia Bamberger, portanto, encarna em si mesma, como intelectual pública, a dimensão dialética entre formulação de teoria social e propositura de ação prático-política. Nos seus termos, assim que Allende chega ao poder no Chile, ela esclarece: “O trabalho que tentávamos realizar no CESO foi gratamente interrompido pela vitória da Unidad Popular (UP), que requisitou a

colaboração de parte dos membros da equipe de estudos sobre a dependência para enfrentar na prática as tarefas de ruptura da dependência”.¹⁴

Mais uma vez pergunto: por que o pensamento da marxista Vania Bambirra tem atualidade? Senão vejamos: considerando que estamos há um pouco mais de 50 anos dos acontecimentos do Maio de 1968, especialmente o francês (que chegou a rejeitar o capitalismo, mas também o socialismo), conjugado com o fato de que estamos há um pouco mais de três décadas vivendo as consequências da queda do Muro de Berlim e da derrocada da União Soviética e dos regimes do Leste Europeu, resulta que vivemos um momento de hegemonia praticamente absoluta do sistema capitalista no mundo, sem desconsiderar aqueles poucos países que a duras penas ainda tentam sustentar processos revolucionários iniciados no século XX.

Portanto, desde o último terço do século passado e nas duas primeiras décadas deste século XXI estamos mergulhados numa contrafação progressista que apresenta armadilhas difíceis de combater, difíceis de – literalmente – desarmar, especialmente em seu aspecto ideológico e que dominam os chamados novos paradigmas das ciências sociais: o irracionalismo contemporâneo, que tem atendido pelo nome de teorias pós-modernas. Estas últimas apresentam-se como progressistas, e inclusive como críticas, mas sem apresentar saída (o que, via de regra, resulta socialmente regressivo), e autodenominam-se – claramente – como uma esquerda não marxista, articulam discursos e narrativas fragmentadas que, de forma platônica, apresentam-se como radicais, mas ao fim e ao cabo estão acopladas a uma construção contrarrevolucionária de complicada desmontagem e explicitação. O fato de apresentarem-se como esquerda, rejeitando o marxismo, intenciona uma ligação direta com a (real) perda de prestígio do marxismo nos *sixties* (o momento do Maio/68), inferindo como consequência da perda de prestígio a suposta perda de validade. Mas perder prestígio não significa, necessariamente, perder validade. Se justamente nesse ninho ideológico nascem as narrativas fragmentadas do identitarismo das causas (reais, concretas e importantíssimas nas lutas contra as opressões), considerar o chamado feminismo apenas neste escopo é empobrecer profundamente a luta contra a opressão das mulheres e, pior, tornar insuperável a sua situação de opressão.

É muito importante considerar criticamente o envolvimento das pautas feministas quando acopladas umbilicalmente às teorias da pós-modernidade, que valoriza a *atitude* individual de um sujeito múltiplo e plural, supostamente coletivo, contra a *posição* de classe à qual pertence esse

¹⁴ BAMBIRRA, Vânia. *O capitalismo dependente latino-americano*. 3ª.ed., Florianópolis: Insular, 2015, p.26.

sujeito. É neste ponto que entra a dimensão de recuperação e, claro, atualização neste século XXI das referências nucleares do pensamento de Vânia Bambirra: qual a classe que pode conduzir a luta anticapitalista, num primeiro momento, e revolucionária, posteriormente? Ela responde: “A luta pela libertação da mulher é uma luta política e revolucionária, que por ser uma luta contra o sistema capitalista, que mantém e necessita da opressão da mulher, está inserida no contexto da luta de classes e tem que ser dirigida pela classe trabalhadora, por meio de seus partidos e organizações de vanguarda”.¹⁵ Portanto, não é uma luta dirigida só por mulheres que, necessariamente, emancipa as mulheres, mas a mulher trabalhadora – neste contexto – com o conjunto da classe trabalhadora.

Procuo me inspirar em Vânia Bambirra por ser uma pessoa que sempre enfrentou a polêmica, na crítica dialética. Com parcimônia e, ao mesmo tempo, peremptória em suas formulações porque se posiciona com base na crítica fundamentada do existente e na prospecção de futuro comprometido com a transição ao socialismo. Recordo-me do relato que ela faz em seu Memorial, saindo do Brasil o mais rapidamente (e com medo de ser pega pela repressão), com a filha pequena, no colo, no aeroporto. Ela nem sabia que seu nome já estava na lista de procuradas pela ditadura por ter participado ativamente das Ligas Camponesas em Minas Gerais. Tudo podia ter terminado ali. A fuga de seu companheiro à época, Theotônio dos Santos, foi planejada de forma clandestina, pois a informação que obtiveram era que ele corria o risco maior de estar na lista de procurados. Lembro-me também de como ela descreve o perigo e a tristeza de ter que sair correndo do Chile e, tal qual na saída do Brasil, deixar tudo de novo para trás: casa, livros, familiares, amigos. Entendo que nós, do continente latino-americano, que estamos aqui neste evento, temos a obrigação de fazer jus a essa herança de textos que Bambirra deixou e divulgá-las por todo o restante de países e universidades onde for possível abrir espaço para a discussão teórica fundamental que ela nos traz, como está sendo possível hoje aqui na Universidade de Lausanne, pelos esforços dos organizadores deste evento. Fico disponível para o posterior debate e desejo uma ótima apresentação a todas as companheiras que me sucederem. O assunto é muito rico e que seja o primeiro encontro de muitos. Obrigada.

¹⁵ BAMBIRRA, Vânia. “Liberacion de la mujer: una tarea de Hoy”. Revista *Punto Final*. Año VI – Martes 15 de febrero de 1972 – n.151, p.15.